

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

LUANDRA MENEZES MERSONI MEDEIROS

**FILOSOFIA COMO CAIXA DE FERRAMENTAS PARA CRIANÇAS:
possibilidades para a construção do pensamento crítico e autonomia**

Eldorado do Sul

2024

LUANDRA MENEZES MERSONI MEDEIROS

**A FILOSOFIA COMO CAIXA DE FERRAMENTAS PARA CRIANÇAS:
Possibilidades para a construção do pensamento crítico e autonomia**

Trabalho apresentado para o Trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), orientado pela Prof^a. Dr^a Márcia Rosane Junges.

Eldorado do Sul

2024

AGRADECIMENTOS

A Deus por trilhar este caminho comigo.

Ao meu esposo Richeerd, que foi como uma fortaleza para mim, apoiando-me e preenchendo as lacunas na minha vida que se apresentaram nesse percurso, quando me faltou coragem, ele me encorajou e me animou a não desistir.

A minha querida orientadora professora Márcia Junges, que de maneira muito compreensiva e humana construiu comigo este trabalho. Seus votos de confiança em minha capacidade extraíram coisas boas de mim, que eu mesma não reconhecia. Desejo lhe proporcionar orgulho.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso enfoca-se no imaginário infantil, nas possibilidades de filosofar com as crianças, através de uma prática pedagógica norteada pela Filosofia, utilizando como ponto de partida a própria criatividade dos alunos da Educação Infantil, nos propomos a investigar o entendimento das crianças diante de alguns questionamentos, fazendo de sua imaginação fértil um campo para produzir conhecimento. Inserir e fazer Filosofia no contexto da Educação Infantil traz a possibilidade de reflexão e ressignificação de sentidos, já que têm sua própria maneira de ver o mundo, onde podem questionar e expor suas próprias concepções do entorno. O trabalho com esses pequenos, que em muito se parecem com os filósofos, conecta ainda mais os campos da Pedagogia e da Filosofia, que possuem em si similaridades. As práticas pedagógicas realizadas, possuem formato de experimento, já que a Filosofia, como unidade curricular, não compõe o campo de saberes desenvolvidos com as crianças nessa etapa, porém coexiste e embasa o campo da Pedagogia como Ciência da Educação, em seus fundamentos, pois não há Pedagogia sem Filosofia da Educação. A fim de experimentar novas possibilidades no campo da Pedagogia e permitir aos educandos experienciar o contato direto com a Filosofia e suas ferramentas, como a provocação do pensamento, atitude filosófica entre outras. Demarcando teoricamente a intersecção entre esses dois campos do saber, com foco em John Locke, filósofo que permeia o campo da educação, objetivamos construir reflexão, criticidade e autonomia junto a ludicidade.

Palavras-chaves: Filosofia, Pedagogia, Educação Infantil, Pensamento Crítico, Autonomia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 - Pintura da Ana Clara.....	43
Fotografia 2 - Pintura da Emanuelle.....	44
Fotografia 3 - Pintura da Isis Valentina.....	45
Fotografia 4 - Pintura da Aurora.....	46
Fotografia 5 - Pintura da Laura.....	46
Fotografia 6 - Pintura do Anthony.....	47
Fotografia 7 - Pintura da Thaila.....	47
Fotografia 8 - Pintura da Chauane.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC

Base Nacional Comum Curricular

LDB

Lei de Diretrizes e Bases da Educação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 OBJETIVOS	10
1.1.1 Objetivo geral	11
1.1.2 Objetivos específicos	11
1.2 Justificativa	11
1.3 Metodologia	14
2 FILOSOFIA E PEDAGOGIA: RELAÇÃO DIALÓGICA E COMPLEMENTAR	15
2.1 BNCC e a Educação Infantil	22
2.2 Docência na Educação Infantil e Filosofia	24
3 A CONTRIBUIÇÃO DE J. LOCKE PARA PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	27
4 ANÁLISE DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA	35
4.1 Oficina de Filosofia	37
4.2 Oficina de Filosofia e Resultados	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
6 REFERÊNCIAS	51

1. INTRODUÇÃO

As práticas pedagógicas realizadas em sala de aula com crianças são pensadas objetivamente em desenvolver aprendizagem nas áreas das ciências humanas, ciências da natureza, linguagens e seus códigos e matemática com as crianças, principalmente no Anos Iniciais do Ensino Fundamental, já na etapa da Educação infantil, a pedagogia norteada pela BNCC principal documento da LDBen (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) volta-se ao cuidado e o educar. O contato com a Filosofia vem somente na adolescência, ao cursar o Ensino Médio, contudo ela está presente desde o começo da formação do indivíduo em fase escolar.

A busca pelo conhecimento e a ressignificação dos sentidos apresentados e a curiosidade estão presentes no ser desde os primeiros anos de vida: “O que é isso?”, “Como é aquilo?”, “Por que não?”. Para Chauí (2012, p. 9) a filosofia “é também uma interrogação sobre o porquê disso tudo e de nós, e uma interrogação sobre como tudo isso é assim, e não de outra maneira”.

O que é? Por que é? Como é? Essas são as indagações fundamentais da atitude filosófica (Chauí, 2012). Apropriar-se de novos conhecimentos é um dos fundamentos e objetivos da filosofia e o desafio que enfrentam os educandos. Mostrar o caminho para tais soluções se faz o objetivo do educador, no qual o conhecimento filosófico também se mostra como o caminho a ser trilhado.

A filosofia, mesmo sendo pouco trabalhada com o público infantil, faz parte do cotidiano dos educadores e educandos e apesar de ainda ser vista como um tanto complexa para se apresentar às crianças, está presente em muitos aspectos da vida escolar, para além disso, compondo um dos fundamentos do campo da Pedagogia, dando a ela base, enquanto ciência da Educação.

Trabalhar conceitos de valores, como o respeito, amor, amizade, implicam diretamente na formação do caráter da criança, que segundo Locke (2019, p.20) “a esmagadora maioria das pessoas é o que é, para o bem ou para o mal, graças à educação que receberam”. De certo modo as crianças não saberão explorar este ramo do conhecimento como naturalmente qualquer homem quando se depara com o novo, cabendo ao educador propor os meios para se chegar ao conhecimento.

Como destaca Locke (s/d, p.36)

Apresenta-se um objeto a um homem dotado, por natureza, de razão e habilidades tão fortes quanto possível; se o objeto lhe é completamente novo, não será capaz, pelo exame mais minucioso de suas qualidades sensíveis, de descobrir nenhuma de suas causas ou de seus efeitos.

Em idade infantil, surgem os mais variados questionamentos sobre vida, mundo, relações interpessoais e diferentes formas de enxergar as situações cotidianas e, junto a elas, a possibilidade de trabalhar filosofia.

Locke defendia a ideia de que o indivíduo deve conhecer a si e demonstrava preocupação em inserir a criança no mundo da racionalidade, utilizando a educação como meio para isto (2019, p. 15). Para tanto, faremos uso da filosofia, que leva à reflexão, ao estímulo, ao pensamento, a novas descobertas, reinventar significados e através dos sentidos criar impressões marcantes do entorno. A unidade da filosofia com a pedagogia torna-se um campo fértil de produção de conhecimento com os pequenos, funciona como uma eficaz ferramenta de autoconhecimento, de novos significados, de caminhos variados até mesmo sobre conceitos já conhecidos.

Segundo Locke (s/d, p.13)

Desta maneira, o tema adequado é o entendimento humano em suas operações racionais e volitivas, já que o entendimento humano pode ser entendido como aquilo que é capaz de conhecer-se a si mesmo como centro do pensamento e da ação.

Deste modo, o objeto de conhecimento do presente trabalho é o entendimento infantil, o que pensam e como pensam, ouvir e fazer perguntas, proporcionar meios de solucionar questionamentos, mesmo os mais complexos, ouvir suas percepções, filosofar, levando as crianças a conceber novas ideias, concedendo-lhes o prazer da descoberta pela experiência, primando o desenvolvimento da criticidade e autonomia de pensamento.

1.1 OBJETIVOS

O presente trabalho tem por foco explorar práticas pedagógicas que inserem a Filosofia no contexto escolar na etapa da Educação Infantil. Com o aprofundamento teórico, relacionaremos a Pedagogia com a Filosofia, buscando conhecer práticas diferenciadas de desenvolver o pensamento crítico nas crianças, com ludicidade, que também é altamente filosófica, de maneira a inserir a Filosofia e o que ela significa e representa, em atividades que possibilitem aos pequenos explorar de maneira mais direta esse campo do conhecimento.

A união dos campos da Filosofia com a Pedagogia¹ pode oferecer uma gama de novos saberes. Para o educador, se trata de maneiras diferentes de interpretar e trabalhar questionamentos e soluções vindos dos pequenos; para os educandos, um novo conhecimento, novas experiências, uma nova visão de alguns conceitos e o início do desenvolvimento do 'ser racional'.

A Educação e a Filosofia possuem em comum o objetivo do desenvolvimento/aperfeiçoamento do entendimento e do ser, e o educador pode usufruir de metodologia filosófica que consiste em reformular ideias, pensamentos e soluções de maneira constante, ou seja, repensar conceitos que algumas vezes são ignorados por serem complexos demais para serem transmitidos às crianças, ou são transmitidos sempre da mesma forma. De acordo com Locke (s/d, p. 13) "o método filosófico adequado é aquele que permite a contínua reforma de nossas ideias acerca do entendimento humano."

Desenvolver nas crianças o princípio do pensamento crítico sem inferir na sua natureza infantil, ou seja, em sua necessidade do contato com a ludicidade, mas fazendo uso dela, é o que nos inquieta nessa pesquisa.

¹ Há uma discussão no campo da Pedagogia, enquanto ciência, de que não há Educação sem Filosofia da Educação, não há Pedagogia sem fundamentos, e a Filosofia compõe um desses fundamentos. Apesar de tratarmos de relacionar esses campos norteadores para realização de uma prática pedagógica, reconhecemos que toda Pedagogia precisa ser e já está fundamentada sobre a Filosofia.

1.1.1 Objetivo geral

Explorar a união da prática pedagógica com a Filosofia através da contextualização com livros em ambos os campos do conhecimento, através de atividades que proporcionem experiências de conexão. Trabalhar conceitos como “amor”, “respeito”, “pensamento”, “solidão”, “mundo”, “felicidade” e “família” utilizando exemplos práticos, parábolas e até mesmo ilustrações para explicar e, a partir disso, incentivar as crianças a exporem suas próprias maneiras de compreender cada conceito apresentado.

1.1.2 Objetivos específicos

- Mapear as relações entre os campos Filosofia e Pedagogia;
- Estimular a construção do pensamento crítico e da autonomia de crianças de 4 a 5 anos, do pré II da Educação Infantil.
- Conceder ao professor o estímulo de atuar também como pesquisador em sala de aula, fazendo do entendimento das crianças seu objeto de conhecimento e uma produção de conhecimento.

1.2 JUSTIFICATIVA

Por que trabalhar filosofia com crianças? Talvez, a pergunta certa a se fazer seria: Por que não trabalhar filosofia com crianças? Por que é incomum? Por que se considera a Filosofia demasiadamente complexa para o entendimento dos pequenos? Por que a BNCC não propõe Filosofia como área de conhecimento a ser desenvolvida com o público infantil? Por que pensamos negativamente nesta possibilidade ou nem pensamos nisso como uma possibilidade?

No campo da pedagogia costuma-se trabalhar e desenvolver temas comuns na educação, geralmente voltados à alfabetização e letramento, práticas de leitura, ou o cuidado na etapa da educação infantil, entre outros. Apesar de serem comuns esses temas trabalhados por alunos da Pedagogia ou professores do Magistério, a

Pedagogia não pode ser reduzida à alfabetização e letramento, ou a ideia de didática. A Pedagogia, enquanto ciência possui uma concepção filosófica da educação.

Trabalhar Filosofia com crianças em um primeiro momento pode levar às seguintes indagações: Por que Filosofia? E com crianças? Se você será uma futura pedagoga, para que uma temática filosófica? A isto respondo: apesar de ser incomum inserir Filosofia na aprendizagem de crianças pequenas, parto de uma atitude filosófica, que consiste em refletir em por que pensamos desta maneira. Chauí (2012,p. 9) questiona sobre o por que não trabalhar Filosofia se crianças são seres igualmente capazes de aprender novos conceitos. E por que não experimentar práticas de Filosofia com eles? Nem cogitar essa possibilidade como prática pedagógica pode ter origem no senso comum: “ninguém trabalha Filosofia com crianças, por que eu pensaria em trabalhar?”, ou ainda: “é muito difícil para a criança entender.” Porém, se seguirmos refletindo desta maneira, nunca pensaremos em produzir conhecimento, e não iremos experimentar e experienciar aos educandos uma educação inovadora. Filosofar com os pequenos nos leva a adentrar no universo infantil, que sem sombra de dúvida é mais colorido. Permitir que seus pensamentos venham para fora através de práticas pedagógicas e filosóficas concede ao educador conhecimento, pois não é ele o centro da educação e do trabalho pedagógico apenas o mediador, o protagonismo está no aluno, assim, constata-se a importância de ouvir o educando e permiti-lo expressar-se e abrir caminho para conhecer a si mesmo.

Segundo Locke (s/d, p. 4) há uma filosofia abstrusa, que gira em torno da complexidade e não leva a lugar nenhum, somente ao erro. Essa, sendo vista como o principal conceito de filosofia, leva as pessoas a acreditarem que ela é muito enigmática para se apresentar ao público infantil. Como nos aconselha esse pensador, da filosofia abstrusa manteremos distância e nos aproximarmos da filosofia fácil, pois “ela penetra mais a vida cotidiana” (s/d, p.4).

Apesar da vocação pela pedagogia, o gosto pela filosofia levou-me à atitude filosófica, e essa instigou-me a pensar no que não costumam pensar, processar um assunto diferentemente do modo como o senso comum assimila, desse modo pensei em como construir um trabalho de pesquisa incomum, com práticas

pedagógicas distantes do tradicional. De acordo com Chauí (2012, p. 9), “a primeira característica da atitude filosófica é negativa, isto é, um dizer não ao senso comum, aos pré-conceitos, aos pré-juízos, aos fatos e às ideias da experiência cotidiana, ao que “todo mundo diz e pensa”, ao estabelecido.”

Se a educação se volta para o desenvolvimento integral do ser, que se dá não somente pelo acúmulo de saberes, mas pela produção de conhecimento e ressignificação de sentidos e práticas, não se faz oportuno o uso da filosofia para tal finalidade? Educação não seria isto: conduzir (pelo melhor caminho), formar um indivíduo, dotado não somente de conhecimento, mas também de virtudes que o ajudem a viver em sociedade? A Filosofia não centra também seus objetivos no indivíduo? Não apenas nele, mas no seu entendimento, as fontes de suas paixões e razões, em busca de um aperfeiçoamento? Sim! E não somente para compreendê-lo, mas para proporcionar caminhos que lhe resultem em uma vida mais satisfatória.

Bem como a filosofia, a educação, que segundo Locke (2019, p. 24) está voltada para a virtude, também está para a liberdade, um certo paradoxo, segundo ele mesmo.

Chauí (2012, p. 11) descreve que uma das finalidades da Filosofia é a arte de viver bem:

A Filosofia seria a arte do bem viver. Estudando as paixões e os vícios humanos, a liberdade e a vontade, analisando a capacidade de nossa razão para impor limites aos nossos desejos e paixões, ensinando-nos a viver de modo honesto e justo na companhia dos outros seres humanos, a Filosofia teria como finalidade ensinar-nos a virtude, que é o princípio do bem-viver.

Se a Pedagogia está preocupada com a produção de conhecimento em vez da mera transmissão de conteúdos e, principalmente com a formação do sujeito, que é parte da coletividade, se faz oportuno o uso da Filosofia nesta prática pedagógica, pois ela retrata a relação entre teoria e prática, o acúmulo de saberes e a correção, bem como a verdade e procedimentos para conhecê-la. (Chauí, 2012, p. 11).

1.3 METODOLOGIA

Este trabalho será desenvolvido e fundamentado com base em pesquisas bibliográficas, mais precisamente nas obras de John Locke “O Ensaio Acerca do Entendimento Humano” e “Alguns Pensamentos Acerca da Educação”, bem como “Um Convite a Filosofia de Marilena”, de Marilena Chaui, além de “Pedagogia Como Ciência da Educação” de M. A. Franco e a obra de Dermeval Saviani “A Pedagogia no Brasil: história e teoria”. Por meio destas leituras, será realizado um estudo sobre os conceitos de Filosofia e Pedagogia, traçando suas conexões, levando o pedagogo a compreender a importância de desenvolver o pensamento crítico nas crianças, e possibilitando a aplicação do método filosófico em práticas pedagógicas com turma de educação infantil.

A Filosofia e a Pedagogia não estabelecem relação apenas na teoria, mas também através da prática. Ao invés de trabalhar apenas com técnicas tradicionais, este trabalho objetiva direcionar o trabalho docente a um caminho diferente, isto é, inserindo práticas de Filosofia nas propostas pedagógicas. Por fim, será realizada uma observação em sala de aula, com uma oficina de Filosofia: atividades demonstrativas e criativas sobre conceitos como , “respeito”, “solidão”, “amizade”, entre outros. Nesta oficina, será apresentado aos alunos o livro *Ula - Brincando de Pensar*, do escritor Sérgio A. Sardi. As atividades proporcionam que as crianças apresentem outros exemplos e como entenderam os conceitos apresentados através de ilustração, diálogo e uso de outros materiais pedagógicos, como tintas.

O intuito é levar as crianças às suas próprias construções e pensamentos, bem como a expressarem seu próprio entendimento, refletindo criticamente sobre virtudes e sentimentos, ressignificando sentidos e filosofando.

2. FILOSOFIA E PEDAGOGIA: UMA RELAÇÃO DIALÓGICA E COMPLEMENTAR

A natureza da criança é dotada de ingenuidade e aceitação, por ainda estar descobrindo sobre o mundo e os seres que nele vivem, que conhece de forma ainda rasa. Conseqüentemente, credibiliza e aceita tudo o que lhe é apresentado, sendo verdadeiro, ou não, proveitoso ou não. Locke descreveu as crianças como “viajantes recém-chegados a um país estranho, do qual nada conhecem”(2019, p. 25). Tecer o pensamento crítico na criança é tão importante quanto suas demais aprendizagens concebidas na escola, pois o cidadão que está se formando precisa rever e avaliar o que mundo lhe traz. Afinal de contas, seu entorno não é feito apenas de pessoas boas e boas ideias. O pensamento crítico, concede à criança proteção, em um mundo rodeado de perigos e maus elementos.

Mapear um caminho pelo entendimento da criança, conhecendo suas percepções e apresentando diferentes aspectos acerca das suas perspectivas, é um papel tanto pedagógico quanto filosófico: enquanto o pedagogo é o condutor deste “veículo”, o filósofo é o guia. Pois o pensamento crítico é a base de toda Filosofia (Chauí, 2012) e através do trabalho pedagógico, a construção do pensamento crítico e autonomia nas crianças, se consolida por meio da Filosofia, que oferece como principal ferramenta a criticidade.

Para a construção e embasamento deste Trabalho de Conclusão de Curso, faz-se necessário conceituar os campos do conhecimento norteadores deste trabalho de pesquisa, que é a Filosofia e a Pedagogia, nas quais apresentam complementaridade, por meio de seus objetos de conhecimento, pois além de possuírem a mesma origem, seus protagonistas, o filósofo e a criança, têm em si similaridades.

A Filosofia que, nas palavras de Chauí (2012, p.14) é uma investigação plena do mundo, do homem e de sua consciência, que se inicia com os questionamentos, com a não conformidade do que é apresentado, ao invés de aceitar as respostas imediatas, descobrir a fonte do questionamento, indagar sobre a essência da questão enunciada. Ela vai contra o senso comum, contra o que não apresenta base científica, não apenas rechaçando falácias, mas trabalhando em torno do cerne da questão.

Como descreveu Chauí (2012, p. 9), a atitude filosófica pode se dividir em duas faces:

A primeira característica da atitude filosófica é negativa, isto é, um dizer não ao senso comum, aos pré-conceitos, aos pré-juízos, aos fatos e às idéias da experiência cotidiana, ao que “todo mundo diz e pensa”, ao estabelecido. A segunda característica da atitude filosófica é positiva, isto é, uma interrogação sobre o que são as coisas, as idéias, os fatos, as situações, os comportamentos, os valores, nós mesmos. É também uma interrogação sobre o porquê disso tudo e de nós, e uma interrogação sobre como tudo isso é assim e não de outra maneira. O que é? Por que é? Como é? Essas são as indagações fundamentais da atitude filosófica.

A Filosofia segue um percurso não somente para chegar ao entendimento, ou aos pensamentos, ou paixões e desejos, que são aquilo que norteiam nossas ações, mas ela preocupa-se com o que vem antes do pensamento, entendimento ou desejo, e conseqüentemente antes da ação. Ela busca esquadriñar/entender também nossas motivações, a forma como assimilamos as situações. “Para que pensamos o que pensamos, dizemos o que dizemos, fazemos o que fazemos? Isto é, qual é a intenção ou a finalidade do que pensamos, dizemos e fazemos?”, como aponta Chauí (2012, p. 12), ou seja, que nos motiva, quais são as nossas intenções para pensar, falar ou agir de tal modo. A Filosofia é a análise, a reflexão e a crítica da realidade externa e interna ao ser humano, sua relação com o mundo e os demais.

Em suma, a Filosofia é uma cosmologia: “A palavra cosmologia é composta de duas outras: cosmos, que significa mundo ordenado e organizado, e logia, que vem da palavra logos, que significa pensamento racional, discurso racional, conhecimento” (Chauí, 2012, p.28). Para a autora, ela é um estudo de mundo, voltando-se para a educação, política, arte, religião e ciências, levantando e validando questões sobre as mesmas.

Na descrição de Chauí (2012, p.16) a Filosofia é a análise, reflexão e crítica da realidade. Com Filosofia, norteadas pela Pedagogia, nos propomos a analisar o campo da Educação, mais precisamente da criança e seu entendimento enquanto educanda, refletir sua maneira de interpretar e através da criticidade avaliar suas ideias e impressões que podem ser transformadas e/ou aperfeiçoadas. Esta filosofia

será usada neste contexto para levar os pequenos a uma reflexão sobre a própria Filosofia.

Em conjunto à Filosofia, conceituaremos o campo da Pedagogia, descrito por alguns autores citados por Saviani (2008), nos quais, estes conceitos giram em torno de um mesmo sentido: educação. Conforme Saviani (2008, p.10) o termo “paedagogatus” de origem grega significa educação, instrução. Para Comenius se trata da arte de ensinar tudo a todos”. Comenius, citado por Saviani (2008) faz um relevante apontamento sobre a missão do pedagogo, que consiste em ser hábil em várias áreas do conhecimento, descrevendo a pedagogia como uma arte. Podendo também ser comparada a um prisma, com muitas facetas, pois nela contém o ensino de português, matemática, história, ciências, geografia, artes, educação física e ensino religioso, além de questões sociais que preconizam o convívio pacífico. No período em que viveu Locke, famílias contratavam preceptores, que eram os responsáveis pela educação das crianças e jovens, tinham a função de ensinar as primeiras letras e as artes. Atualmente, de forma semelhante aos preceptores, atribuiu-se ao pedagogo a incumbência da alfabetização e letramento, em conjunto a isso a ministração das demais disciplinas, bem como questões sociais de comportamento, priorizando o respeito aos demais.

A respeito da educação, Locke (2019, p.115) aponta que um homem pode ter muitas qualidades, mas é a educação que as abrilhanta. Segundo ele(p.116) sem a educação a coragem chega a se passar por brutalidade. O autor compara um indivíduo sem educação como um diamante bruto (2019, p.116), levando-nos a entender a pedagogia, ciência da educação segundo Franco (2003), como o processo de transformação do diamante, ou seja, um processo não apenas de promover a aprendizagem, mas aperfeiçoar a criança, conferindo-lhe resplendor.

Pedagogia não é apenas a instrução do professor, mas ao professor sobre o processo de conduzir, de formar um cidadão, bem como suas práticas para levar o educando ao aprendizado e ao pleno desenvolvimento. “É a teoria e prática do fenômeno educativo” (Durkheim, *apud* Saviani, 2008).

A Pedagogia por vezes é reduzida ao sentido de “Didática”, confundida como o lecionar, dar aula para crianças, sendo este um problema do campo da Pedagogia,

pois ela é muito mais que planejar e dar aulas, ela é uma ciência, a Ciência da Educação, das multidisciplinaridades.

No que se refere ao entendimento, condução, aperfeiçoamento, visão e avaliação do mundo estes dois campos do conhecimento não apenas se entrelaçam como possuem a mesma origem: a Grécia. Segundo Saviani (2008, p.10) "o termo "pedagogia", é evidente, surgiu na Grécia. E, conforme Jaeger, é grega também a origem da problemática pedagógica." Como assinala Chauí (2012, p.19) "atribui-se ao filósofo grego Pitágoras de Samos (que viveu no século V antes de Cristo) a invenção da palavra filosofia".

A Pedagogia que hoje é entendida como Ciência da Educação segundo Franco (2003), outrora era inerente a Filosofia e sendo considerada como aplicação da mesma. Na descrição de Saviani (2008, p.10) "No âmbito do idealismo, a pedagogia tendeu a ser dissolvida na filosofia, sendo considerada como filosofia aplicada". A condução e instrução, (Saviani 2008, p.10) é o significado para Pedagogia, mas também o é para Filosofia, sendo a principal conexão entre essas duas áreas, e que mantém entre elas um dialogismo. A filosofia, como um de seus objetos de conhecimento, ocupou-se em esquadrihar o entendimento humano, dirigindo-se a ele com perguntas, apresentando possíveis respostas acerca do que pensamos, como pensamos e porque pensamos como pensamos, enquanto a Pedagogia alinhou seu foco nas práticas educativas, na ação de educar, pode-se dizer que seu foco também é o entendimento, mas da criança e suas relações com o mundo. Complementando a Pedagogia, a Filosofia surge traçando um caminho de investigação do entendimento das crianças, avaliando o fundamento do que é ensinado.

Segundo Santos (2013, p.40) a curiosidade é uma das potências da criança, ela desperta o desejo por conhecer o novo, de investigar e meios de solucionar problemas. Este instinto curioso presente na criança permite que ela faça associações de suas ideias, levando-a a uma melhor compreensão de si e do mundo. A curiosidade se constitui como uma das ferramentas da filosofia na construção do pensamento crítico nas crianças e autonomia. A atitude de investigar e o desejo de descobrir foram os impulsores dos filósofos nos primórdios da filosofia, dando origem a esta. De acordo com Locke (2019, p.25) "A curiosidade é um

estímulo para o engenho e para o envolvimento da criança no mundo.” Este desejo de saber, conhecer e descobrir é a fonte das engenhosidades dos pequenos, dos quais são levados a entender sobre o mundo a qual pertencem, do mesmo modo que os filósofos, levados pela curiosidade, inquietações e o não contentamento com respostas imediatas desbravaram ideias, pensamentos e conhecimentos antes desconhecidos pelo homem (Chauí, 2012).

Um dos primeiros filósofos, Aristóteles, foi descrito pela Pro^a Dr^a Márcia Rosane Junges como “uma criança grande” com seus porquês. Deste modo, a criança e a filosofia possuem forte relação. Elas naturalmente são curiosas, agindo da mesma maneira que os filósofos antigos e contemporâneos, desbravando o novo e o desconhecido, de maneira incansável. Com a curiosidade vêm as novas descobertas, gerando na criança um acúmulo cada vez maior de saberes e de experiências, esse acúmulo possibilita uma associação e classificação de ideias cada vez maior, ressignificando sentidos e conceitos com maior precisão, abrindo caminho e consolidando internamente o pensamento crítico.

Como afirmou Cunha sobre a semelhança entre criança e filósofos:

A formação de uma consciência de si coerente e sustentável, ou se queremos, da autoconsciência autêntica, constitui o primeiro processo e produto do filosofar, o qual entra em atividade desde a mais tenra infância, que por mimetismo no entorno social, processos afetivos e cognitivos de consciência social, que por atividade interior de curiosidade, espanto e estranhamento, ou, em uma palavra, de maravilhamento. Os filósofos e as crianças têm consigo mesmos. (CUNHA, 2005, p. 25)

A provocação do pensamento é a base filosófica para a construção do pensamento crítico, que também é utilizada nas práticas pedagógicas, principalmente em atividades de leitura e escrita, cujo objetivo é a provocação do pensamento das crianças e sua autonomia. Levar os pequenos a refletirem a partir deles mesmos, como assimilam alguns conceitos de vida, mundo e humanidade e destiná-los às associações, à diferenciação e classificação do que lhes é apresentado como uma possibilidade de construir criticidade é central. Além disso, surge a importância de unir a prática educativa à atitude filosófica, ou seja, ensinar, mas não através de modelos prontos os conteúdos e habilidades a serem

desenvolvidas, mas de oferecer-lhes capacidade crítica para o pensar, refletir e dar significado ao que estão aprendendo.

Como um dos objetivos da Filosofia, pretendemos construir autonomia nas crianças, que concede ao educando a atitude de se posicionar e de ser capaz não apenas de absorver o que seu entorno lhe oferece, mas de julgar e compreender internamente a essência do que lhe foi proposto. Locke aborda a importância da independência na tomada de decisões por parte das crianças, sua autonomia que implica diretamente na racionalidade:

E a liberdade, ou o sentimento de que o sujeito infantil goza de alguma independência nas decisões que toma e naquilo que em concreto faz, é indispensável para o estabelecimento precoce da ligação entre a iniciativa própria e os efeitos no mundo – indispensável porque conduz à responsabilidade e indispensável porque dá lastro à racionalidade.(Locke, 2019, p. 25)

Acerca da racionalidade, Locke (2019, p.105) aborda que desejo nas crianças de serem tratadas como seres racionais é maior do que imaginamos.

O pensamento crítico nas crianças funcionará como um avaliador e classificador, do que é verdade ou mentira, certo ou errado. Mas, afinal, o que é pensamento crítico?

O pensamento crítico é a análise criteriosa a fim de julgar um fato, situação ou pessoa se possui veracidade, consistência e coesão (Chauí, 2012). Tal capacidade está presente no ser racional, mas precisa ser desenvolvida. Conforme o tempo passa e alcançamos maturação fisiológica, maturidade intelectual e nossas experiências aumentam, o pensamento crítico tende a crescer, se estimulado. É evidente que muitas pessoas desenvolvem com muita facilidade o senso comum, seguem o que todos falam, fazem porque muitos fazem, sem julgar, analisar tal atitude ou pensamento que estão reproduzindo. Eis a importância de estimular o senso crítico nas pessoas, desde a infância, para que não sejam apenas reprodutores de atitudes e pensamentos inconscientes. A criticidade é uma forma de proteção no mundo. Acerca disso, Locke orienta:

Ensiná-lo a conhecer os homens e os seus caracteres; a descobrir a máscara com que disfarçam com frequência as suas pretensões; saber distinguir o que se oculta por detrás destas aparências e que nunca lhe aconteça tomar

uma coisa pela outra, como acontece à maior parte dos jovens sem experiência, que julgam as coisas pelo exterior e se deixam seduzir pelo aspeto, pelas maneiras sedutoras e pela bajulação. (Locke, 2019, p.118)

O pensamento crítico é também Filosofia, pois esse campo do saber preocupa-se em avaliar e investigar a fundo ideias, atitudes, impressões e pensamentos. Ela detém-se em estudar o porquê e o como de cada nova impressão que o ser humano produz, ao invés de simplesmente aceitá-la e denominá-la como a denominam.

O senso comum, por outro lado, é apenas a opinião própria de cada pessoa, que na descrição de Chauí (2012, p. 44) é variável, mutável e está sujeita a alterações de cultura e de tempo. Já o conceito é universal, invariável e não muda com o tempo. O pensamento crítico baseia-se em conceitos, ou seja, ideias permanentes e fundamentadas, avaliadas e validadas, sendo essa uma das preocupações da Filosofia, conceituar e validar explicações, no campo da ciência, das artes, da religião, da política, sociologia e psicologia (Chauí, 2012, p.17).

Portanto, faremos uso da mesma na prática pedagógica: utilizaremos e trabalharemos com conceitos de vida e mundo, que não são comumente trabalhados com crianças, registrando os resultados do contato dos pequenos com estes conceitos.

Na posição de pesquisadora, tendo em vista que Filosofia não é trabalhada na Educação Infantil, vamos observar como eles entendem estas ideias, pois o próprio fato de trabalhar conceitos já é uma forma de induzir o pensamento crítico nos pequenos. Frequentemente eles explicam e respondem as perguntas de acordo com o que ouviram falar, pelo hábito de reproduzir o que ouvem, até mesmo de outras crianças, sem averiguar, conferir se o que ouviram procede, é coerente e verdadeiro.

Em dois anos de estágio pude notar uma situação corriqueira com “palavrões” na turma do pré. Diziam: “Ô, profe! O colega falou um palavrão.” Inicialmente ficava muito surpresa, porque nunca tinha escutado ninguém ali usar uma palavra de baixo calão. Pedia que me dissessem no ouvido qual foi o palavrão, eu ouvia as seguintes palavras: “Ele me chamou de feio. Feio é palavrão né, profe?” Era tão comum, que palavras como essas eles entendiam como “palavrões”. Um dizia que era, o outro

também achava porque o colega disse que era e toda turma pensava da mesma maneira, prevalecia o senso comum, uma opinião própria que se dissemina e se espalha como se fosse verdade. Nestas situações eu explicava que aquelas palavras não eram palavrões, mas era errado chamar os colegas assim. Vimos como importante as práticas de filosofia no contexto da Educação Infantil, pois a Filosofia busca substituir todo senso comum, que é errôneo, pelo pensamento crítico.

Diante desta experiência e outras, e das palavras de Locke na qual descreve a criança como uma tábula rasa ou, uma folha em branco(2019, p.27), pode-se com clareza entender a importância de imprimir em sua racionalidade o pensamento crítico, a fim de prepará-la para o mundo, formando nela autonomia para julgar situações, já que “o homem é fruto de sua educação” (2019, p.20). Se o homem é fruto da educação que recebe, está no educador o papel de formar pensadores críticos, cidadãos com capacidade de julgamento e discernimento para reproduzir ou rechaçar pensamento advindos do meio em que está inserido.

2.1 BNCC e a Educação Infantil

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC é o principal documento norteador de aprendizagens da Educação Básica. Esse documento divide a Educação Básica em etapas: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Para a etapa da Educação Infantil, alvo da nossa pesquisa, a Base determina direitos de aprendizagem e desenvolvimento, que são: Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se. Com base nestes direitos ela prevê cinco campos de experiência. A saber:

- O eu, o outro e o nós;
- Corpo, gestos e movimentos;
- Traços, sons, cores e formas;
- Escuta, fala, pensamento e imaginação;
- Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Diferentemente dos Anos Iniciais e Ensino Médio, que é dividido por área de conhecimento, a Educação Infantil não possui Filosofia propriamente dita, mas está implícita em seus campos de experiência. Segundo a BNCC, expressar é um dos direitos de aprendizagem do aluno da Educação Infantil. “Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens” (Brasil, 2018).

Dentro do direito de expressar, entendemos a criança como um indivíduo que indaga, opina e tem a necessidade de manifestar sua forma de pensar. Negar às crianças de aprenderem com a Filosofia é, de certo modo, bloquear um caminho de questionamentos, de novas hipóteses e de descobertas. A Filosofia está presente neste direito da criança. Temos este documento como base para uma prática pedagógica que trabalha conceitos filosóficos e objetos de conhecimento na Filosofia como questionamentos, sentimentos e hipóteses.

No campo de experiência o eu, o outro e o nós, a Filosofia e suas ferramentas podem atuar, desde que um pedagogo faça uso delas, na compreensão dos pequenos sobre si mesmos. Isso pode ocorrer levando-os a pensarem em si mesmos, com a seguinte pergunta: “quem é você?” Apesar de ser corriqueira, a indagação é de cunho filosófico. A BNCC não apresenta um conteúdo propriamente dito de Filosofia para as crianças, mas em seus campos de experiência abre portas para que um pedagogo possa filosofar com essa faixa etária.

No artigo de Gabioneta (2016) é possível perceber a prática de filosofia com a educação Infantil de maneira simples, mas profunda, ao perguntar a uma criança quem ela é, provavelmente dirá seu nome, mas um nome seria uma resposta suficiente para tal pergunta? Através de discussão em sala de aula, o pedagogo pode demonstrar que um nome não diz sobre as origens, onde o aluno mora, qual a sua personalidade e quais suas preferências. É preciso mais do que o próprio nome para conhecer alguém ou descrever a si mesmo para outra pessoa. Diante disso, pode-se perguntar “quem é você para seus pais?” ou “quem é você para a escola?” “Quem é você para os colegas?” Certamente receberemos uma resposta mais completa do que um nome. Por fim, perguntar “quem é você para você mesmo?” Para ajudá-los nesta compreensão o professor pode demonstrar a partir do exemplo

dele mesmo sobre quem ele é para os pais, para a escola e para ele mesmo. Este exercício requer reflexão, ele provoca ideias nas crianças, que antes não povoavam seus pensamentos.

A atitude de pensar por si é fundamentada na capacidade de autonomia do indivíduo, o posicionamento do pedagogo de levar os educandos a questionarem a si mesmos em busca de suas próprias respostas, que segundo Chauí (2012, p. 46) é um ato reflexivo, de filosofar. Nota-se a possibilidade de trabalhar Filosofia com crianças da Educação Infantil, pois elas são criativas e cheias de imaginação.

Nas palavras de Saviani (2008, p. 6) o conhecimento proporcionado pela educação, que se dá de forma sistematizada, concede aos alunos confiabilidade no mundo das informações, permitindo que possam discernir o que é relevante e o que não é. Para Chauí, esse processo se dá através do pensamento crítico, e apesar de ser um caminho que, nas palavras da autora (2012, p. 17) é árduo, ele pode ser percorrido por todos. Ao trilhar no mundo das informações, as crianças e jovens precisam rever conceitos e compreender a importância de atribuir significado a estas informações. Na reflexão dessa autora (2012, p. 17) essa busca por significados conota a Filosofia como o mais importante dos saberes buscados pelo homem. Aos educadores cabe a tarefa de demonstrar aos educandos que a realidade e a verdade sobre o mundo não são secretas, envoltas de mistério, mas que sim, podem ser descobertas por meio da razão, através de atitude filosófica (2012, p.24).

2.2 Docência na Educação Infantil e Filosofia

O professor que atua na etapa da Educação Infantil deve estar atento às sutilezas dos gestos que demonstram aprendizado por parte dos pequenos. Seu processo evolutivo como indivíduo se dá de maneira leve e gradual. Sabrina Lermen nos mostra através de seu trabalho de conclusão de curso a possibilidade de trabalhar filosofia com crianças, partindo das indagações que surgem em sala de aula, perguntas que surgem no dia a dia e parecem ser insignificantes, mas que escondem uma grande possibilidade de desenvolver criticidade nos alunos.

O docente que atua na Educação infantil deve entender a necessidade que os pequenos também têm de serem tratados como seres racionais, que segundo Locke (2019, p.105) o desejo por este tratamento é maior do que imaginamos. Mais uma razão para o mesmo, venha a repensar suas práticas pedagógicas, projetando e planejando aulas que incluam a filosofia no contexto da Educação infantil.

A inserção da filosofia nesta etapa se faz tão oportuna, já que o campo da imaginação e curiosidade são tão explorados pelas crianças quanto aqueles que se ocupam de estudar e imergir no campo da filosofia.

O pedagogo que deseja filosofar com as crianças deve ter em mente que ao trabalhar com os mais pequenos não deve exigir deles raciocínios muito complexos como se estivesse trabalhando com os maiores. Acerca disso, Locke adverte (2019, p. 104) “Não se pode, obviamente, pedir às crianças pequenas a mesma postura e aplicação que se pede às mais velhas. Devem permitir-lhes, como já referi, todas as infantilidades, todas as loucuras próprias da sua idade.” Ainda acrescenta (2019, p. 106) que os raciocínios desenvolvidos devem ser aqueles que podem ser compreendidos e assimilados pela criança, “para tal, apenas é necessário encontrar argumentos apropriados para a sua idade e inteligência e expô-los em muito poucas palavras e de forma clara” (Locke, 2019, p.106). O autor faz tais comentários acerca do ensino de virtudes, mas nos valem também para as práticas pedagógicas e o posicionamento de um professor da Educação Infantil que quer aplicar filosofia com seus alunos.

Nota-se um baixo investimento de pesquisas sobre a união dos campos da filosofia com a pedagogia, possivelmente pela forma como costumam enxergar as áreas de humanas, como se fossem “menos úteis”. Acerca disto, Jefferson Queler (2016) faz uma resenha intitulada As ciências humanas servem para alguma coisa? Baseada no livro do filósofo Nuccio Ordine A utilidade do inútil: um manifesto, Queler destaca que ainda há uma visão global sobre as ciências humanas, que são consideradas de pouca utilidade para o mundo capitalista. Do mesmo modo, a Filosofia, como uma das Ciências Humanas, que se torna alvo de estranheza ao ser situada na Educação Infantil, pois “não faz parte do contexto infantil.” Não apenas as pesquisas como também projetos pedagógicos na área são poucos, não é de se espantar que profissionais da educação, mais precisamente pedagogos, perguntem

com um olhar confuso “Qual o sentido do teu trabalho?” ou “O que te levou a fazer um trabalho sobre Filosofia com Educação Infantil?”.

Ao apresentar a temática a alguns profissionais, foram essas as reações: confusão, estranheza e uma busca pelo sentido ou a utilidade disso, quando na verdade, a reação que nos pareceria mais óbvia seria “Que interessante, filósofos e crianças têm muito em comum!”. E se não pudessem notar a conexão entre os dois campos do conhecimento, poderia se esperar a seguinte reação: “Admirável! Um tema incomum: novos caminhos na Educação”. Apesar de parecer presunçoso nosso posicionamento, esta não é a intenção. O objetivo é demonstrar que mesmo sendo plausíveis as pesquisas e projetos na área, uma possível causa do baixo investimento é a constante busca por sentido ou “utilidade” nas Ciências Humanas, assim como na Filosofia.

Queler (2016) em seu artigo retrata que estas ciências humanísticas na verdade são elementares para “uma vida minimamente civilizada nas mais diversas sociedades.” Hoje o foco está no que é material, naquilo que oferece utilidade, praticidade ou naquilo que vincula-se ao capitalismo como as áreas técnicas, inspirada em Rainer Maria Rilke, ousou dizer que o papel das Ciências Humanas é como a raiz de uma árvore, profunda e escondida, que exerce suas funções de maneira invisível, porém indispensável. As Ciências Humanas, nutrem o que há de mais importante no ser humano: sua humanidade.

3. A CONTRIBUIÇÃO DE JOHN LOCKE PARA AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

A Educação como alvo da Pedagogia é inteiramente dependente do entendimento humano, o objeto de conhecimento de Locke. Locke objetivou explorar as faculdades mentais, a assimilação, o campo das ideias, das impressões contidas na mente humana. Tais processos são importantíssimos na aquisição e produção de conhecimento. A mente humana é o terreno, os processos são as ferramentas que aram a terra e o produto é o saber, a ciência e o conhecimento.

O princípio da Pedagogia é a instrução ao conhecimento e a condução do indivíduo à sua formação como cidadão que também é um princípio na Filosofia: mais do que um princípio, é um fundamento. Segundo Locke (s/d, p. 11) o que não é verdadeiro, concreto e respaldado pela ciência é apenas senso comum, que está completamente exposto à variação, à dúvida e ao erro. As pesquisas e estudos do filósofo, centradas no senso crítico, contribuíram de várias maneiras para as práticas pedagógicas, dentre as quais citaremos o enlace entre suas obras e algumas dessas práticas.

Para Locke (s/d, p.7) não há barreiras nas “avenidas” do conhecimento, qualquer indivíduo que se propuser a mostrar um novo caminho ou até mesmo remover entraves desta via é considerado um benevolente. Mesmo sendo filósofo, dedicou-se a conhecer e apontar aspectos importantes na Educação, outrora vista como Filosofia em prática. Este importante pensador permeia estes dois campos do conhecimento e considera a mente humana seu alvo de estudos. Preocupou-se em examinar o que rege nosso entendimento e os sentimentos do ser sensível.

A atitude do autor nos remete a importância de o professor permitir-se conhecer e atuar em áreas diferentes daquelas que lhe são comuns, afinal de contas Locke foi um filósofo que atuou no campo da Educação. Segundo ele, é possível operar de maneiras diversas ao invés de limitar-se apenas ao seu próprio conhecimento e área de pesquisa para obter resultados concretos. Como destaca o autor em sua obra Ensaio acerca do entendimento humano (s/d, p. 10) os astrônomos durante muito tempo detiveram-se em estudar o movimento, ordem e grandeza dos corpos celestes, até que um filósofo determinou as leis e forças que os regem. Com isto, vemos que o pedagogo não precisa limitar-se ao que pertence

a Pedagogia: por meio da interdisciplinaridade, pode trazer para seu trabalho cotidiano novas conexões, com diferentes áreas do conhecimento, tornando seu dia a dia um campo de pesquisa, objetivando uma educação inovação e a produção de conhecimento. Assim, Locke nos demonstra a possibilidade da união entre Pedagogia (prática da educação) com a Filosofia, e esta união é o objeto de conhecimento deste trabalho de pesquisa.

Locke (s/d, p.1) fez da natureza humana seu objeto de pesquisa, sem ficar preso somente a esse aspecto. Ele estudou e avaliou como se forma um cidadão com virtudes, e para isso entrou no campo da educação. Para aqueles que não apenas se contentam com a mera transmissão de conteúdos, Locke é um exemplo a ser seguido. Concernente aos seus estudos na área da educação, seus escritos e conselhos servem de base para a educação de crianças até os dias de hoje.

Segundo o autor (s/d, p.4), há uma Filosofia que é aplicada ao cotidiano e que reforma a conduta do homem, esta que, se estudada, pode ser utilizada no cotidiano escolar. Por inúmeras vezes o pedagogo se depara com situações em que a conduta das crianças precisa ser reformada, pois como um dos princípios da escola vem o convívio social, que deve ser pautado no respeito e igualdade. Esta filosofia citada pelo autor é voltada à busca, estudos e inserção de valores no ser humano. Valores estes que prezam pela convivência pacífica.

Locke também destacou em sua obra a diferença entre ideias e impressões (s/d, p. 17). Nossas impressões são percepções vivas que nossos sentidos e sentimentos nos proporcionam por meio da experiência, já nossas ideias são cópias borradas dessas impressões. Um conceito importante a ser pensado nas práticas pedagógicas, pois as ideias podem sumir facilmente ou serem lembradas de maneira equivocada, já as impressões são predominantemente marcantes em nosso entendimento e suas operações. O pedagogo deve valer-se disso, ao planejar suas aulas deve priorizar pelo aprendizado extraído da experiência, que para o educando será mais marcante do que a mera transmissão de ideias, principalmente em se tratando da Educação Infantil, que aprende brincando. Isto é um fato. Lembro-me com muita clareza das aulas que tive por meio de experiência, já as aulas que se constituíram apenas no campo das ideias, lembro vagamente de algumas, ou seja,

aulas que discorrem sobre os animais jamais serão tão marcantes quanto uma visita ao zoológico.

O filósofo expõe em sua obra o princípio do hábito ou costume (s/d, p. 52) destacando que quando fazemos algo repetidamente sem sermos impelidos por algum raciocínio ou operação do entendimento humano, temos um hábito. O hábito na Educação Infantil é um princípio primordial para que as crianças criem rotina. Inicialmente elas precisam ser impelidas a realização das tarefas e hábitos, mas aos poucos entram na rotina. Fazem tudo automaticamente sem a necessidade de conduzi-las. Em minha experiência como estagiária posso dizer que quando chega hora do lanche, sem precisar dizer, todos vão ao banheiro para lavar as mãos, porque isso virou um hábito: lavar as mãos antes de comer. Os hábitos constituem a rotina e a rotina é essencial nesta etapa, pois ela proporciona estabilidade, organização e pertencimento ao ambiente.

Em concordância com Locke, Cunha (2005, p.24) discorre sobre a importância do hábito, que é extremamente fundamental para a formação do indivíduo, e não somente aborda em seu artigo sobre o hábito comportamental como também sobre o hábito mental. A associação de ideias, a memorização, a reflexão, a imaginação e a produção de valores são descritos pelo autor como hábitos mentais que devem ser mediados pelo professor, a fim de estimular a própria investigação da criança.

O pensador aborda os princípios da semelhança, contiguidade e causalidade que são, segundo ele (s/d, p.61) os laços que unem nossos pensamentos. Estes princípios são exemplificados pelo autor através de situações cotidianas. A semelhança, para ele, pode ser retratada na religião católica romana, na qual objetificam sua fé por meio de símbolos e imagens, ou seja, estimulam e ativam sua devoção por meio de objetos, que lhes causam maior efeito do que uma mera visão contemplativa. Como afirma o autor, a proximidade com objetos nos trazem impressões mais fortes sobre uma ideia do que apenas vislumbrá-las. Na educação, principalmente na etapa da Educação Infantil, este princípio se faz muito pertinente, pois comunicar uma ideia às crianças apenas evocando o pensamento não terá o mesmo resultado que levá-las ao contato com o objeto, de maneira a ver, tocar e sentir aquele objeto, possibilitando uma ideia mais clara a respeito dele. Desse

modo, o princípio da semelhança consiste em avivar ideias e deixá-las mais claras através da objetificação, como no exemplo citado pelo autor, um retrato de um amigo trará maior conexão com ele do que apenas o pensar nele.

Na Educação Infantil, o campo das ideias está em constante transformação, ainda não há um bom percentual de ideias estabelecidas e concretas, diferentemente da fase adulta, em que a maioria de nossas ideias e pensamentos sobre o que sabemos, consideramos imutáveis, como o ciclo da vida, leis da natureza, etc. “Creio que o espírito das crianças toma este ou aquele rumo tão facilmente como a água.” (Locke, 2019, p.40). Para as crianças as ideias não são tão fixas, assim como as chuvas podem ser nuvens carregadas, elas também podem ser as lágrimas de Deus. O pedagogo tem o papel de ajudá-los a estabelecer ideias, proporcionando não apenas compreensão de ideias, mas estimulando o próprio pensamento das crianças. Todo conhecimento trabalhado nesta etapa, aborda em sua prática pedagógica o princípio da semelhança, que é a objetificação dos conhecimentos, pois ao apresentar algo novo, os pedagogos, em sua maioria, trazem também imagens, objetos, sons, sabores ou experiências vivenciais, para que o aluno se aproxime mais da ideia apresentada e absorva com maior clareza.

O filósofo John Locke notifica, de maneira ainda mais expressiva, seu interesse e foco na educação através de sua obra *Alguns Pensamentos Sobre a Educação* (2019), em que aborda aspectos importantes a serem considerados nas práticas pedagógicas, entre eles a inserção da criança no mundo da racionalidade, que se dá por meio da educação, e a educação para ser posta em prática, utiliza-se a Pedagogia.

Locke (2019, p. 19) recomenda que ensino inicie pelas noções mais simples para as mais complexas, um conselho aos educadores, para que cada conhecimento seja construído respeitando também a maturidade do aluno, que com o passar do tempo sua capacidade de compreensão para assuntos mais complexos aumenta, mas que inicialmente tudo pode apresentar-se demasiadamente difícil.

O filósofo aborda em sua obra (2019, p. 21), algumas inclinações ou tendências do temperamento, como a curiosidade e o desejo de domínio. A curiosidade deve ser estimulada já o desejo de domínio deve ser reprimido. Há educadores que fazem exatamente ao contrário, de certa forma reprimem a

curiosidade, não a estimulam nos alunos, suas práticas pedagógicas extremamente mastigadas e desinteressantes, coisas que todos já sabem ou já viram, o que na verdade, poderia ser diferente, pois com facilidade se desperta a curiosidade na criança, como nos aconselha o autor, o exercício da curiosidade deve ser cultivado, já o desejo de domínio, comum entre as crianças, que é perceptível através de suas teimosias, não deve ser incentivado. Este desejo manifesta-se na infância não somente para com os adultos, mas de criança para criança também. Ao se trabalhar com o público infantil, é possível notar um desejo de domínio entre eles mesmos, cotidianamente, ao tentar comandar a brincadeira, quem deve ou não brincar, restringindo a liberdade dos outros. Segundo Locke (2019, p. 23) “Haverá uma contradição em dizer que o propósito da educação é a virtude e, ao mesmo tempo, dizer que é a liberdade também? Certamente que não”. Se a educação está voltada para a liberdade, as práticas pedagógicas e a pedagogia devem atentar-se a este desejo de domínio, pois os pequenos devem aprender, prioritariamente, sobre o respeito do outro e o direito que ele tem de liberdade, o mesmo vale aos educadores, que devem compreender que a educação traz consigo o direito de liberdade dos educandos.

O autor também discorre sobre o uso adequado da censura e do elogio (2019, p.21), um sábio conselho aos educadores, que devem elogiar em público, para incentivar e aplicar a censura, num momento a sós, entre educador-educando, a fim de evitar constrangimento perante os demais, pois o objetivo é trazer reflexão. Segundo o autor (2019, p. 22) o desejo de ser reconhecido é o que motiva a ação do ser humano, vale lembrar que com os pequenos não é diferente.

Para Locke (2019, p.24), o ensinador não deve apenas passar o conhecimento,mas fazer com que seu aprendiz aprecie e pegue gosto pelo saber, de modo que seu aprendizado não seja apenas ouvir e receber informações. Esta prática se constitui em uma difícil, porém gratificante missão: gerar não apenas conhecimento, mas engajamento com o aprender. “No fundo, a aprendizagem só é sólida se for, de algum modo, auto aprendizagem, em que as impressões e conhecimentos são trabalhados e assimilados pelo entendimento do educando” (Locke, 2019, p.27). Pode-se perceber que este objetivo está sendo alcançado em

sala quando vemos na participação dos alunos, o empenho nas propostas dos desafios e o diálogo gerado pelo interesse no assunto.

Crianças reprimidas também foi um assunto mencionado pelo autor (2019, p.71). Quando são demasiadamente repreendidas, ou recebem disciplina em excesso, ocorre o efeito negativo da perda de vigor e suas faculdades são amordaçadas. O vigor é uma das características mais marcantes do ser humano na infância, naturalmente a criança possui muita energia e vivacidade, portanto o educador deve estar atento a isto, não fazer calar pedindo silêncio toda vez que quiserem falar.

Se tratando da Educação Infantil, alvo de nossa pesquisa, Locke aborda um cuidado importante na rotina com os pequenos: o sono. Esta parte da rotina é de extrema importância, pois a falta de sono causa enorme estresse na criança, tanto que choram quando estão precisando dormir, segundo ele “nada contribui mais para o crescimento e para a saúde de uma criança do que o sono” (2019, p.55). Sendo importante também não apenas o sono, mas o modo como a criança será acordada, deve ser gradualmente, com voz baixa, evitando sustos, gestos e movimentos bruscos, para que desperte tranquilamente (2019, p.56).

Em seu olhar para a educação, o filósofo também abordou uma questão importante sobre o temperamento das crianças, que tende a ser um exemplo de posicionamento aos educadores: “Não devemos estar à espera de modificar o temperamento natural das crianças, nem tornar pensativas e graves as que são alegres, ou animadas as que são melancólicas.” (Locke, 2019, p.82) A vivência em sala de aula permite ao educador o contato com todos os tipos de temperamentos presentes nas crianças, dos mais tímidos aos mais esportivos. Faz-se necessário um olhar aguçado no professor para desenvolver todas as potencialidades dos alunos sem ultrapassar os limites de cada um. Cabe ao professor a delicada tarefa de considerar os traços de cada temperamento em vez de tentar mudar, aperfeiçoá-los. Uma criança tímida, por exemplo, tem muita vergonha de falar e se expor, o educador ao propor uma atividade que tenha certa exposição, não deve forçar tal aluno a uma apresentação longa e eloquente, mas incentivá-lo fazendo perguntas ajudando-a a falar, construindo argumentos junto com ela. Nas palavras de Locke

(2019, p. 82) “Levar o temperamento natural de cada criança o mais longe possível; mas não tentar substituí-lo por outro”.

Para o autor, questões de comportamento das crianças não devem ser corrigidas por meio de um amontoado de regras incutidas na memória, e sim por meio da vergonha. Não aquela advinda de constrangimento perante os demais, ou de xingamentos, ou de situações humilhantes. A vergonha mencionada pelo filósofo é aquela que vem de um ato ou diálogo que traz reflexão, que nos deixa constrangidos por agir de tal forma, é aquela que traz arrependimento, mudança de pensamento ou atitude. Pode parecer um tanto desnecessário este assunto trazido pelo autor para as práticas pedagógicas, o que na verdade não é.

As práticas pedagógicas devem ter foco também no respeito às diferenças e no trato com os demais. Situações de bullying, racismo e outras situações que envolvam preconceito devem ter intervenção pedagógica. Ocasões como estas são oportunas para um momento entre educador-educando a fim de alcançar, por meio da vergonha, uma mudança de pensamento, um arrependimento genuíno que implica em mudança de vida. O Professor vai atuar como um psicólogo, ou até mesmo um filósofo, tratando de questões morais, levando o educando a conscientizar-se sobre atitudes ou palavras que ferem e ofendem os demais. Certo é que nem todos os pedagogos agirão dessa forma, muitos vão recorrer a repreensão ou ao castigo, que será facilmente esquecido e os velhos hábitos preconceituosos podem retornar com o tempo.

O filósofo menciona em sua obra sobre o momento do divertimento (2019, p. 137) “O recreio é tão necessário como o trabalho e a alimentação”. Este momento é importantíssimo para o desenvolvimento da criança, bem como os demais momentos da aula. No momento da recreação a criança pode expressar-se livremente, esboçar toda sua vivacidade e imaginação ao brincar. É necessário que nesse momento os educadores “devem permitir às crianças não só divertirem-se, como divertirem-se como bem o entendam, desde que de forma inocente e sem perigo para a saúde” (Locke, 2019, p.137), sem exercer sobre os pequenos um controle exagerado num momento que é próprio para brincarem livremente. Sobre a liberdade no brincar Locke ainda afirma:

Outra vantagem que se pode obter, ao conceder-lhes ampla liberdade nos jogos, é descobrirem o seu temperamento natural, mostrarem as suas inclinações e as suas aptidões e orientarem assim os pais atentos para as suas escolhas, seja na sua carreira e em ocupações que querem seguir mais tarde(...).(Locke, 2019, p.138)

4. ANÁLISE DE OBSERVAÇÃO DE SALA DE AULA

A Filosofia se mostra uma caixa de ferramentas nas práticas pedagógicas quando fazemos uso da atitude filosófica, do pensamento reflexivo, da curiosidade e provocação do pensamento, elementos do entendimento humano que compõem o campo da Filosofia, como ferramentas na produção de conhecimento. Na descrição de Saviani (2008, p.9) “conhecimento significa compreender as relações entre os fenômenos, entender como a realidade se processa, como a sociedade se organiza, como os homens se relacionam entre si”.

São os processos mentais na assimilação e decodificação de situações e pessoas, que resultam em algo concreto, tido como verdade, fazer relação entre fatos, observar suas conexões e as relações humanas perante o mundo, ou seja, o pensamento crítico na prática. O que a Pedagogia aponta como conhecimento a Filosofia descreve como pensamento crítico, do mesmo modo que conhecimento é, segundo definição, o ato de compreender algo como realmente é, por meio da razão ou experiência, para o pensamento crítico também compete a tal significado, a compreensão dos fatos, o ato de conhecer, perceber, entender a essência de alguma coisa. Obviamente que o conhecimento é vasto e subdividido em campos, mas o pensamento crítico também está compreendido nesta vastidão.

O pensamento filosófico e a atitude filosófica são termos que na prática, são hábeis ferramentas da Filosofia na construção do pensamento crítico e autonomia, pois consistem na atitude de processar a realidade antes de torná-la parte constituinte das ideias e impressões do indivíduo. Uma tarefa importante para a Pedagogia, que visa o desenvolvimento integral do educando, aprendizagens que também priorizem a autonomia da criança e o pensamento crítico. Este desenvolvimento não deve ser somente enriquecer a criança de saberes, mas de criticidade para realizar suas próprias avaliações e conclusões. Com base em Chauí (2012, p.14) pode-se dizer que o conhecimento filosófico que influi diretamente no entendimento humano, pode ser usado na construção do entendimento da criança.

O conhecimento filosófico é um trabalho intelectual (Chauí, 2012) em que sua preocupação não está apenas em descobrir as respostas, mas também em validar até mesmo as perguntas, se são questões coerentes e plausíveis, ou se trarão

significados aceitáveis. Para a realização deste trabalho intelectual com crianças a Filosofia e todas as suas ferramentas, atitude filosófica, pensamento filosófico e conhecimento filosófico, proporcionarão subsídio para a realização de uma prática pedagógica voltada a construir no educando autonomia e criticidade.

Como aplicação da prática de filosofia, decidimos como proposta de prática pedagógica, a realização de uma oficina de Filosofia com crianças da Educação Infantil, na qual faremos a leitura da obra Ula - Brincando de pensar. Este livro propõe aos leitores uma reflexão, fazendo perguntas a si mesmos como “nada? Mas o nada é branco? É preto? É de outra cor? Ou não tem cor...? Como é pensar o nada? Essa leitura os convida a ressignificar os sentidos a partir de suas próprias perspectivas. A partir disto, nos propomos a auxiliar as crianças a pensar de outras maneiras alguns conceitos, como elas entendem cada termo, como definiriam esses significados, quais seriam suas comparações para entender e interpretar tais sentidos. Esses registros dos novos conceitos serão feitos por meio de entrevista individual, também serão representados por ilustrações, imagens que para eles possam representar, identificar ou comparar os significados.

Essa atividade tem o objetivo de levar as crianças de pensarem por elas mesmas, ao invés do ensino tradicional, em que mostramos a elas algo novo, em que simplesmente absorvem, esta oficina de filosofia pretende abrir um caminho a ressignificação de sentidos, estimular os pequenos ao pensamento próprio, a autonomia, a interpretação própria dos fatos, e ajudá-los na construção do entendimento sobre os sentidos apresentados, que nas palavras de Chauí (2012, p.15) a própria construção de conceitos também é objeto de pesquisa da Filosofia. O pensamento crítico vai se consolidando no entendimento das crianças nos momentos de classificação do professor, quanto ao que cabe ou não como significado para as palavras.

Esta oficina está pautada no princípio da Semelhança, descrita pelo filósofo John Locke em sua obra Ensaio acerca do entendimento humano e citada no capítulo anterior, que consiste em avivar memórias e ativar ideias de forma mais intensa através de algo semelhante, principalmente objetos ou imagens. A compreensão dos conceitos apresentados aos pequenos será construída não apenas por meio de explicação, mas também, através da objetificação destas ideias

e conceitos. Possibilitando maior solidez aos pensamentos dos educandos enquanto aprendem.

Ao lado da Educação Infantil, faremos a construção dos conceitos que não costumam pensar em seus significados, fazendo perguntas que exijam reflexão e cada um irá representar sua própria compreensão dos significados, desenhando, dialogando e trocando ideias. Os desenhos têm o objetivo de tornar em concretos os elementos abstratos trabalhados nesse trabalho de pesquisa, assemelhando os significados a algo palpável.

Vale lembrar que nossa proposta de prática pedagógica com Filosofia na Educação Infantil, não tem o objetivo de tornar a criança imediatamente um adulto, nem retirar da sua natureza suas características comuns, como nos aconselhou Locke (2019, p.88) “Não as impeçam de serem crianças, de brincar, ou de se comportarem como crianças”, mas nos propomos a fazer uso da filosofia, que já é presente nela mesma, ativando sua curiosidade sobre o mundo, sobre assuntos e palavras desconhecidas.

4.1 Oficina de Filosofia com Educação Infantil

A oficina de Filosofia será realizada na E.M.E.I. Santa Isabel, localizada no bairro São Francisco na cidade de Guaíba, mais especificamente da turma do pré II do turno da manhã, que contém 20 alunos.

O objetivo desta oficina é demonstrar a importância do pensar, de conhecer os fatos e palavras como realmente são, levando-os a compreensão que cada coisa tem seu próprio significado, provocando o pensamento e a curiosidade dos pequenos.

Para o primeiro momento da oficina, proponho uma conversa com a turma do Pré II, para apresentações e nos conhecermos melhor. Após a conversa, utilizaremos uma caixinha de perguntas e desafios. Esta caixinha as seguintes perguntas:

- Qual é a sua brincadeira favorita?
- Qual sua música favorita? Cante um pedaço.

- O que você mais gosta na escola?
- Qual seu desenho favorito?
- Como foi sua semana?
- Quem é o seu melhor amigo na turma? Dê uma abraço nele.
- Qual é a sua comida preferida?
- O que mais gostou de aprender na escola?
- O que você quer ser quando crescer?
- Você sabe escrever seu nome? Escreva no quadro.
- Qual é o seu animal favorito? Represente por meio de um desenho.
- Do que você tem mais medo?
- Quem é a pessoa que você mais ama?

Após desenvolver a dinâmica da caixinha de perguntas, iniciaremos um momento de pensamento reflexivo, através da pergunta “Quem sou eu?”. Cada um deve fazer esta pergunta para si mesmo e para responder fazer um breve relato sobre o que pensa de si próprio. Como propôs Locke (2019, p. 131), indaguem quais são as suas paixões dominantes, os seus gostos favoritos; se é severo ou doce, atrevido ou tímido, compassivo ou cruel, aberto ou reservado, etc.” vou descrever alguns dos meus gostos e preferências, por comida, por lazer, por exemplo, e falar da minha personalidade.

Esta dinâmica, bem como as demais, serão desenvolvidas no momento das atividades, sem atrapalhar ou alterar a rotina da turma. No restante do tempo, apenas observando o andamento da aula.

Para o segundo momento, desenvolveremos um diálogo sobre o que é a Filosofia, sobre a arte de pensar, abriremos caminho para uma reflexão sobre o que é o pensamento e como ele surge, conversando em torno das seguintes questões: "O que é a Filosofia para ti?", "E o que é filosofar?" "Para que serve pensar?", "Por que é importante pensar?", "É possível viver sem pensar?" "Você sabia que até para não pensar é preciso pensar em esvaziar a mente?", "Vocês lembram qual foi o primeiro pensamento que tiveram?" "Qual é o pensamento que mais ocupa sua mente?"

No segundo dia de oficina realizaremos a leitura da obra Ula-Brincando de Pensar. Depois da leitura vamos realizar uma entrevista com registro sobre alguns conceitos.

- O que é o amor?
- O que é o respeito?
- O que é o pensamento?
- O que é a solidão?
- O que é a felicidade?
- O que é uma família?

Para o terceiro momento dessa oficina, cada um dos alunos deve escolher um dos conceitos listados acima, para representá-lo por meio de um desenho, feito com lápis ou massa de modelar e/ou recorte de revista.

De acordo com Locke (2019, p. 87) nossos pequenos aprendizes são imitadores, como camaleões copiando as cores do entorno. Portanto, mostrarei como realizar a construção dos conceitos fazendo algumas comparações, para ajudá-los melhor nesta oficina, como por exemplo, o amor que é como o oceano, enorme e profundo, que não pode ser medido. Deste modo as crianças terão maior facilidade em desenvolver a atividade proposta por meio da observação e demonstração.

De acordo com a proposição do trabalho essa foi a dinâmica planejada inicialmente para ser aplicada na turma do pré II, em virtude não conhecer os alunos, segui uma linha de planejamento que não ofereceria resultados tão satisfatórios, pois o perfil da turma não permitiria aplicar a oficina em sua totalidade ou de maneira significativa. O planejamento teve que sofrer adaptações por conta do andamento da aula, que necessitava de dinâmicas bem diversificadas, criativas e envolventes, a fim de não perderem o foco. Em diálogo com Fernanda, uma das professoras, ela comentou que é muito comum mudar os planejamentos naquela sala, adaptando-os para um maior proveito, a fim de que a turma produza significativamente. Desse modo, baseando-me nas informações da professora Fernanda a respeito dos educandos e da observação que fiz sobre eles, as atividades da oficina foram alteradas.

4.2 Oficina de Filosofia e seus resultados

A E.M.E.I. Santa Isabel, cenário de nossa proposta pedagógica com Filosofia, pertence ao Município de Guaíba. A escola está localizada no bairro São Francisco e tem grande importância para a comunidade local, promovendo educação e desenvolvimento integral, além de auxiliar os pais que trabalham, recebendo as crianças em turno integral (berçário e maternal).

A creche é considerada pequena, não conseguindo comportar todas as turmas separadamente, uniu-se em uma turma, berçário I e II, do mesmo modo que a turma do Maternal, que tem na mesma sala, MI e MII. Já as turmas dos prés são separadas, com duas turmas de Pré I, uma no turno da manhã e a outra no turno da tarde e duas turmas de Pré II, uma pela manhã e a outra na parte da tarde.

O bairro a que a escola pertence já ofereceu muita insegurança aos moradores. Segundo relatos dos funcionários da instituição que também são residentes do bairro, já foi uma localidade agitada, cenário de violência e tráfico de drogas. Alguns dos alunos pertencem a famílias com esse tipo de envolvimento, refletindo em sala de aula comportamentos insubordinados às regras da escola. Contudo, boa parte das famílias que fazem parte da comunidade escolar se conduzem de maneira tranquila e parceiras da escola, reconhecendo a importância da instituição no bairro.

Apesar dos diferentes contextos sociais que as crianças estão inseridas, todas são ligeiramente espertas, apresentaram muita aptidão para execução do desafio pedagógico com Filosofia.

A oficina de Filosofia realizada no pré II se deu de maneira diferente do planejado inicialmente, porém muito produtiva e acima de tudo, muito prazerosa. A maneira como as crianças interpretam o mundo, apresenta-se sob uma lente divertida, lúdica e um tanto engraçada. Estando com eles percebi que o que havíamos planejado pudesse se tornar maçante, pois os pequenos tinham muita dificuldade em prestar atenção na aula, decidi então modificar a dinâmica da oficina.

Iniciei a oficina apresentando-me e conhecendo o nome de cada um. Após as apresentações, dirigi a eles uma pergunta: “O que é Filosofia?” Nesse momento

surgiram olhares espantados e reflexivos. Enquanto pensavam no que responder, incentivei-os a responder sem timidez.

A primeira resposta que recebi foi da Gabrielly que disse “Filosofia é tirar fotografia”. Outras respostas surgiram em torno dessa ideia, como “tirar foto de árvore”. Depois de ouvir suas respostas iniciei um diálogo, explicando que Filosofia na verdade é amor à sabedoria. Então tornei a perguntar “se Filosofia é amor à sabedoria, o que é o amor? E o que é a sabedoria?” Como resposta a Nathy disse que “amor é ajudar em casa, é quem a gente ama”, e o Vitor disse que sabedoria é “inteligente, saber fazer conta”.

Certamente, um dos momentos mais atrativos foi ouvir suas respostas espontâneas e um tanto inusitadas. Começamos neste momento a desenvolver certa autonomia nas crianças, pois os pequenos expressavam-se e foram capazes de demonstrar suas próprias perspectivas diante do exposto, sem auxílio de outros, ou seja, o ato de pensar por si, a partir de sua própria consciência, demonstram autonomia, independência dos demais ao responder, ao se posicionar e ao pensar. Depois de ouvi-los, de uma maneira muito simples, expliquei que o amor é um sentimento muito forte, quando gostamos muito de algo ou alguém, e a sabedoria é na verdade “saber”, ou seja, Filosofia é gostar muito de saber das coisas, de conhecer tudo, de fazer perguntas.

Após o diálogo sobre o que é Filosofia, utilizei uma caixa de papelão grande e forrada com papel colorido por fora e um furo no centro. Dentro foram colocadas bolinhas de papel colorido com perguntas para eles. Cada um podia tirar uma pergunta por vez e responder. Essa proposta fez com que o interesse pela aula aumentasse, pois queriam ser sorteados para tirar uma pergunta da grande caixa, ao se trabalhar com os pequenos da Educação Infantil, deve-se ter em mente a flexibilização das propostas, tempo ou dinâmica de acordo com suas necessidades, pois se distraem mais facilmente que os maiores e se cansam mais rápido. A caixa, por sua vez, continha perguntas como:

- O que é o pensamento? Para a Gaby é “Quando pensa na família” para o Kalefy é “ir brincar”.
- Qual foi o primeiro pensamento que se formou na sua mente? Segundo o Vitor foi “uma formiga pequena” no Luan “o relógio”.

- O que é a amizade? De acordo com Martin é “ajudar as pessoas e amar, trabalhar para ganhar dinheiro”.
- O que é a família? Para Nathy “de amor, coração, as pessoas que a gente ama”.
- O que é felicidade? Segundo o Airton é “quando tá muito feliz e quer brincar na rua.”
- O que é solidão? Para o Vitor “quando a gente tá sozinho e com medo.”
- Qual a coisa que você mais pensa? “brincar” foi a resposta da Júlia.
- É possível viver sem pensar? De acordo com o Kalefy “sim! É só respirar.”
- Quem são os filósofos? “Quem ajuda as pessoas”, para o Kalefy.
- O que é o respeito? Segundo o Anthony “é virar gente”.

Despertar a curiosidade nos alunos com palavras e perguntas diferentes levou-os a refletir e a buscar respostas. Acerca da curiosidade, uma importante ferramenta filosófica com os pequenos, Locke argumenta:

A curiosidade nas crianças (de que tive já ocasião de falar, no § 108) é um apetite de conhecimento e, por conseguinte, deve ser estimulada, não apenas como um bom sinal, mas também como um grande instrumento que a natureza proporcionou para remediar a ignorância com que nascemos...(Locke, 2019, p. 155)

Quando lhes cedi argumentos que explicavam o sentido das palavras, como os significados de Filosofia, amor e sabedoria, demonstramos de maneira indireta, que apesar de terem ideias para aqueles termos, cada palavra possui um sentido, significa algo, impor um significado pessoal para fatos ou palavras será bem aceito se condizer com o verdadeiro significado daquilo. Foi possível perceber que quando uma das crianças respondia algo plausível e eu demonstrava satisfação nas respostas, os demais seguiam na mesma linha de respostas. Começaram a pensar com certa criticidade para oferecer melhores respostas, pois perceberam que dar qualquer argumento não serviria como significado verdadeiro.

No segundo dia de oficina, iniciamos com o diálogo sobre um trecho do livro Ula, na parte intitulada Os Nomes das Coisas. Decidimos não realizar a leitura completa da obra, pois seria muito maçante para os pequenos prestarem atenção. Nesta parte do livro Ula se pergunta por que as coisas têm o nome que tem, “porque

a cadeira se chama cadeira?” “Por que a água se chama água?” A partir desses questionamentos de Ula, refleti com eles, “quem deu os nomes as coisas?” “no que pensaram para escolher um nome?”.

Em continuidade segui refletindo com eles “mas se eu mudasse o nome das coisas, será que as pessoas saberiam do que estou falando?” “Quando estou brincando posso dar nomes diferentes as coisas?” a isto respondi “enquanto estamos brincando podemos inventar sim, mas não podemos esquecer do nome de cada coisa, nem esquecer que assim como cada objeto tem um nome, cada palavra possui um significado. Destaquei a importância de buscar descobrir, por meio de perguntas, pesquisando e estudando, os nomes e as palavras certas para as pessoas, objetos e situações que o meio apresenta. Frisando que “se mudamos os nomes das coisas ou não sabemos o que as palavras significam não vão saber o que queremos dizer e também não saberemos que estão falando.”

No segundo momento desse segundo dia de oficina, dividi a turma em grupos de quatro, colocando um grupo por vez num canto da sala com mesinhas juntas. Quando os levei pra lá, pedi que fizessem com tinta um objeto da sala e dessem um novo nome a este objeto, enquanto os demais brincavam com massinha de modelar. Essa dinâmica é semelhante ao que Ula gostava de brincar, inventando diferentes nomes para as coisas e descobrindo que aquilo não se poderia usar fora da brincadeira. E essas foram algumas das produções:



Fotografia 1- Pintura da Ana Clara



Fotografia 2- Pintura da Emanuelle

A Ana Clara pintou uma geladeira e chamou de “Ana”, a cadeira ela chamou de “Flor” e a tartaruga ela chamou de “Anthony”, porque “se parece com meu irmão”.

No terceiro dia de oficina propus à turma algo semelhante ao primeiro dia, questionei novamente sobre as palavras da caixa de perguntas e propus que desenhassem como entendiam esses termos. Cedi explicações simplificadas dos significados, assinalando quando suas respostas eram correspondentes, a fim de desenvolver criticidade ao refletir sobre os significados.

Para realizar esta dinâmica separei a turma em grupos de quatro alunos, com cada grupo fui desenvolvendo um diálogo sobre os conceitos perguntados na entrevista anterior. Nossa proposta pedagógica, provocou a curiosidade dos alunos, que se mostraram muito interessados em responder por meio de desenho as palavras sugeridas por mim, ao pensar em como desenhar tais palavras além de transpor uma ideia em uma pintura, envolvendo criatividade ao classificar possíveis respostas para os significados, fazendo assim o pensamento crítico acontecer, questionando, refletindo, avaliando e fazendo sugestões, ou seja, buscando com apreço o saber.

Para a Isis Valentina felicidade “é plantar flores” quando questionei porque para ela felicidade é plantar flores ela disse “porque deixa o mundinho feliz”, em seu desenho Isis relacionou a felicidade com uma aula de Meio Ambiente em que sua professora, declarou atitudes que deixavam o “mundinho” feliz, sobre cuidados com a natureza.

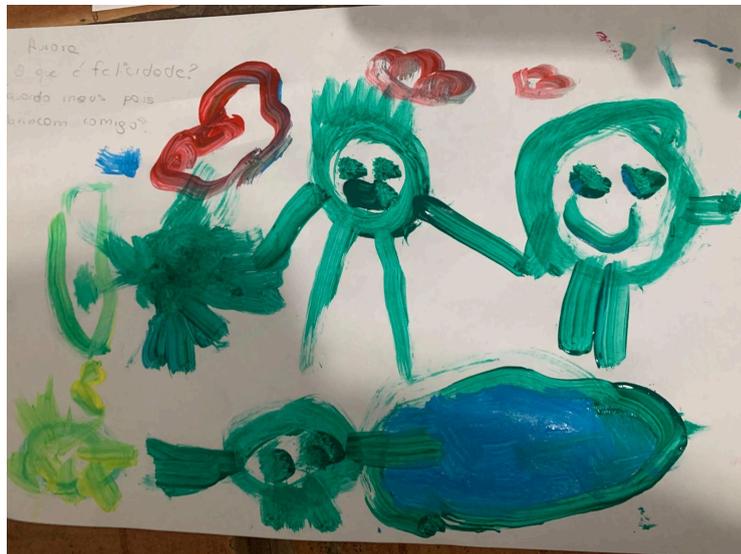
O posicionamento crítico da Isis sobre “felicidade”, foi além da representação de felicidade própria, ela conseguiu compreender e representar o estado de estar ou ser feliz, observando, personificando o planeta, que ela chamou de “mundinho” e atribuindo-lhe sentimentos. Pode-se notar Isis entendendo a felicidade como um estado de satisfação, alegria e bem estar representada nas emoções do “mundinho” ao receber cuidados, dirigidos ao Meio Ambiente. Isis ressignificou o sentido de felicidade, sem fugir do contexto e de maneira autônoma.



Fotografia 3 - Pintura da Isis Valentina

Podemos perceber essa dinâmica de ressignificação de sentidos na pintura da Aurora. Quando questionei a ela “Aurora, para ti o que é felicidade?” Ela disse “quando meus pais brincam comigo”, apesar de o argumento não ser o significado de felicidade, a frase enunciada demonstra que sua felicidade está nos momentos

em que se diverte com seus pais. Esses momentos lhe trazem satisfação, prazer e divertimento, sinônimos de felicidade.



Fotografia 4 - Pintura da Aurora



Fotografia 5 - Pintura da Laura

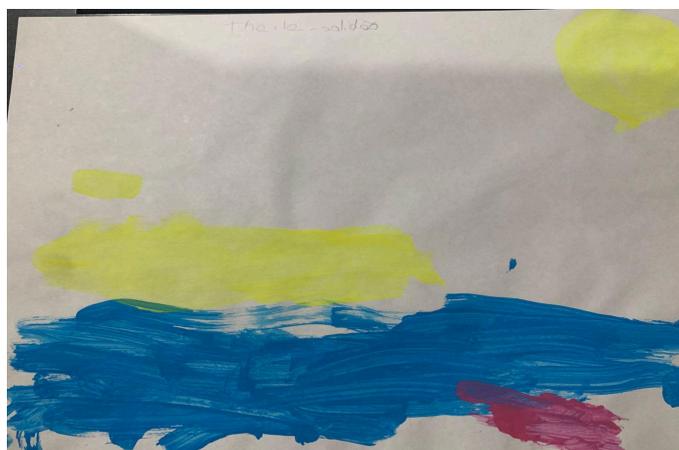
Para representar o conceito de amor a Laura decidiu pintar maçãs do amor. Normalmente as crianças querem representar o amor com um coração, sua escolha foi inesperada e muito satisfatória, pois as maçãs do amor não possuem relação com o amor apenas pelo nome, sua origem história gira em torno do romantismo, do

próprio amor. As maçãs eram dadas de presente como forma de demonstrar afeto por outra pessoa.



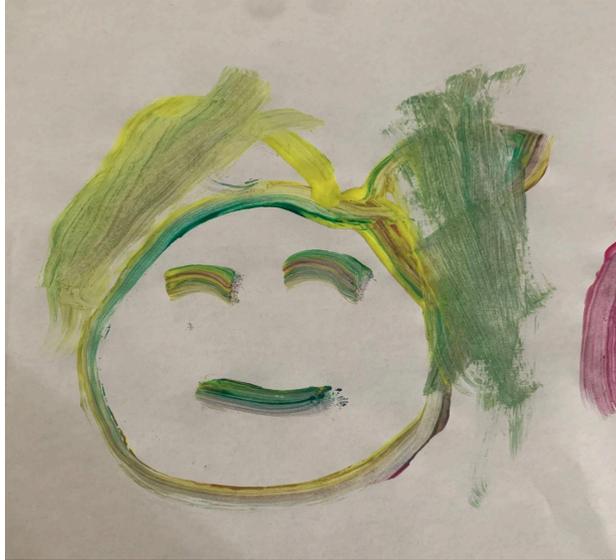
Fotografia 6 - Pintura do Anthony

Para o Anthony pedi que pintasse sobre o respeito, e lhe questionei “Anthony, pra ti o que é o respeito?” E ele disse que “respeito é quando vira gente, quando a mãe não precisa mais brigar”. Seu entendimento sobre o termo supõe a ideia de uma pessoa correta, madura. Ele associou o respeito com a ideia de agir corretamente, que de certo modo, está correto. Segundo Locke (2019, p. 164) “As crianças não estabelecem grande diferença entre as coisas, desde que estas sejam apropriadas à sua idade”.



Fotografia 7 - Pintura da Thaila

A Thaila representou a solidão através de uma ilha deserta. Essa elaboração foi pensada em conjunto, onde conduzi a Thaila ao significado.



Fotografia 8 - Pintura da Chauane sobre “onde ficam os pensamentos?”

Neste espaço criado para desenvolver Filosofia, as crianças puseram no papel seu ponto de vista, o modo como estavam refletindo, expressando em forma de ilustração suas ideias pessoais sobre aquelas palavras, pensando por si, ao passo que íamos classificando as suposições se coerentes ou não com o significados possíveis de cada termo, cedemos a eles um momento de reflexão e de criticidade avaliando suas ideias. Quando sugeriam argumentos coerentes, ou contendo alguma relação com o termo, eu reagia positivamente, quando se referiam ao termo e o relacionavam com algo muito distante, fazia mais perguntas e argumentos a fim de conduzir novamente a um sentido válido. Desta forma apresentaram suas próprias ressignificações de sentidos, porém de maneira coerente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao final desse trabalho de pesquisa, percebo a imensa satisfação que foi trilhar caminhos incomuns na Educação e receber uma devolutiva tão interessante e cheia de ternura das crianças em sua própria maneira de filosofar.

Enquanto um adulto enxerga um objeto como ele realmente é, a criança cria formatos e funções diferentes para o objeto, lembro-me de brincar com uma goiaba como se ela fosse uma pessoa. Percebemos de maneira teórica e por meio da oficina o modo como as crianças dão vazão a Filosofia, comportando-se como pequenos filósofos, questionando e desejando descobrir cada vez mais sobre o mundo que os cerca. Ambos são semelhantes, porquanto, o olhar para além do óbvio é o que fazem os filósofos, e enxergar algo naturalmente além do óbvio e com muita criatividade foi o que também fazem as crianças cotidianamente e fizeram nestes dias de oficina.

Seria tão impossível concluir de fato algo sobre a temática quanto as crianças abrirem mão voluntariamente do brincar, pois um trabalho sobre Filosofia e sobre crianças diz respeito a uma imensidão de pensamentos e idéias fluidas do imaginário e possibilidades de desenvolver o entendimento humano, que se faz oportuno realizar apenas considerações finais, acerca das quais menciono, a eficiente possibilidade de realizar no contexto pedagógico da Educação Infantil, práticas de Filosofia, que se mostram simples porém significativas no desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia nas crianças. Enquanto refletiam, iam ressignificando os sentidos, a partir disso a dinâmica possibilitou construir momentos de criticidade, ou seja, de avaliação e validação dos significados, onde os alunos foram consolidando e fixando os conceitos em seu entendimento. Bem como o desenvolvimento da autonomia nas crianças que deram forma ao seu próprio entendimento sobre as palavras apresentadas. Ambos são mecanismos de avaliação e decisão importantíssimos para o ser humano, pois cada indivíduo baseia sua vida em suas percepções e julgamentos, que por vezes oferecem caminhos errôneos, já que são baseados no senso comum. Aguçar a autonomia nas crianças, um dos objetivos desenvolvidos nas dinâmicas da oficina de Filosofia, foi tão importante quanto a criticidade que buscamos desenvolver neles,

pois todo ser humano precisa ser capaz de tomar decisões, iniciando a independência, que se torna completa na adultez.

Consideramos muito proveitoso o enlace dos dois campos do conhecimento, Filosofia e Pedagogia, para o desenvolvimento do ser racional nos pequenos, essa junção levou-os a desenvolver raciocínios para representar ideias e dar significados a elas de acordo com sua idade e percepção própria e para novas possibilidades de práticas pedagógicas que visam uma aprendizagem inovadora. Podemos assim apontar que o saber e o fazer pedagógico não estão limitados aos padrões tradicionais, pensar e fazer da docência um campo de pesquisa leva a caminhos extraordinários de uma aprendizagem significativa, diversificada e empolgante para o educador que emerge, espontaneamente, com seus alunos em outros campos do conhecimento que lhe tragam entusiasmo, assim como a educação para o filósofo John Locke.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>, consulta em 13/12/23.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

FRANCO, M.A. **Pedagogia como Ciência da Educação**. Campinas: Papyrus, 2003.

GABIONETA, Robson. **Ensino da Filosofia na Educação Infantil**. Educação e Filosofia, Campinas-SP, Volume 8, número 2, p.(254-269), junho a setembro de 2016.

LERMEN, Sabrina. **Exercícios de Pensamento, Práticas de Escrita, Leitura e Prática de Filosofia na Escola**. Trabalho de conclusão de curso (Pedagogia), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

LOCKE, John. **Alguns pensamentos sobre a Educação**. Lisboa: Edições 70, 2019.

LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo: Saraiva, s/d.

NASCIMENTO, Christian Lindberg Lopes. **John Locke e a formação moral da criança**. 1. ed. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2020.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil: um manifesto**. Tradução de Luiz Carlos Bombassaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

PAN SOPHIA. **O Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman**. Youtube, 2020. Disponível em: [O Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman](#)

QUELER, J. J.; ORDINE, N. As ciências humanas servem para alguma coisa?. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 46, n. 161, p. 896-901, jul./set. 2016.

RILKE, Rener Maria. **Cartas a um jovem poeta**. São Paulo: Publifooks Livros e Papéis Ltda, 2006.

SANTOS, Paulo dos. **Filosofia na Educação Infantil**. Revista Santa Rita. São Paulo, junho de 2013. Ano 08. P. 38-46.

SARDI, Sergio Augusto. **Uia: brincando de pensar**. Petrópolis: vozes, 2024.

SAVIANI, Dermeval. **A Pedagogia no Brasil: História e teoria**. 2ª edição. Campinas: Autores Associados, 2008.